



TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NO ASSENTAMENTO MADRE CRISTINA: mais barreiras aos venenos

Lydyane Lira Rodrigues

Faculdade de Geografia
Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão

Cláudio José Bertazzo

Faculdade de Geografia
Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão
cbertazzo@hotmail.com

Introdução

Atualmente os programas de extensão rural no Brasil vivenciam uma crise. Isto porque o paradigma que fundamentou as ações extensionistas até o presente momento já não se mantém, seja pela insustentabilidade do conceito de meio rural formulado ao longo dos anos 1960, seja pelo esgotamento do modelo tradicional de modernização do campo bem como pela presença marcante de Organizações Não Governamentais (ONG's) que defendem uma revisão da extensão rural pública brasileira. Tal situação demonstra que o paradigma conhecido como difusionista, que dominou os preceitos da agricultura brasileira até os dias de hoje não é capaz de oferecer soluções para resolver os problemas apresentados no campo. O visível sinal de fracasso pode ser tomado como prelúdio para a busca de novas alternativas.

No debate científico acerca do futuro extensão rural, emergem diversas ideias onde possamos colocar nossas práticas em campo (COSTA et al, 2007).

O objetivo de nosso projeto, que veio a gerar este artigo, é ensinar a produção de alimentos saudáveis e seguros, sem a presença de nenhum elemento químico, prejudicial à saúde ou a natureza. Portanto a escolha do trabalho é de grande relevância para a sociedade valorizar e saber como é fácil e seguro semear com sustentabilidade.

Resultados e Discussão

A partir do momento que iniciamos o projeto passamos a visitar assentamentos na região sudeste de Goiás, na cidade de Goiandira, no povoado Veríssimo, assentamento MADRE CRISTINA, onde conhecemos as necessidades, dificuldades e problemas vividos



por aquele grupo de agricultores. Sendo um dos problemas principais a falta de água e consequentemente o maior desafio é produzir com a escassez de água. Uma das tentativas de soluções foram à criação de açudes, feitos de barragens e colocado lona para a contenção das águas das chuvas, onde em alguns lotes de assentados está funcionando, mas em outros não, devido à falta de manutenção; todos os assentados produzem alguma coisa, a maioria tem algumas cabeças de boi e vaca, com isso produzem leite e fazem manteiga, coalhada, queijo e outros derivados; há também o aproveitamento da urina dos animais para uso de repelentes para predadores e parasitas, inimigos das plantas.

Outros assentados tem horta onde contém a maioria das hortícolas comum da região, tomate, cebola, abóbora, cenoura, beterraba, rabanete, entre outros; com galinhas da angola para a limpeza de pulgões, formigas, percevejos da área inimigos das plantas; há também o cultivo do pomar, onde se tem bananas, abacates, mangabas, mamões e etc.

O interessante é que tudo isso é tudo natural sem uma gota de agrotóxicos, para o uso de obtenção de nutrientes, realizamos a aplicação de biofertilizantes naturais, que é um produto para pulverizar nas plantas, um perfeito adubo foliar. Ele serve para adubar e melhorar a saúde das plantas, melhorando o crescimento e a produção das hortas.

É um fermentado, líquido. Porém, hoje já se tem resultados, com a natureza principalmente, com as agrobiodiversidades e com o que mais queremos: a produção alimentar sem uso de produtos químicos.

Para promover o escoamento desta produção, se organizou uma feira de produtos sem veneno dentro do campus da Regional Catalão/Universidade Federal de Goiás; com as vendas dos produtos obtidos do assentamento Madre Cristina, além do consumo de sua família, se tem também a venda e consequentemente, aumento de lucro para obtenção de produtos alimentícios dos assentados, onde se chama de a verdadeira agricultura familiar, produção para seu consumo e vendas para obtenção de renda.

É importante destacar o valor dessa experiência para discutir a formação pessoal e acadêmica, apresentando valores e conhecimentos agregados ao longo da atividade relatada, cujas graduações não proporcionam experiências tão grandes e enriquecedoras como estas que são proporcionadas através da extensão rural. Com estas atividades vamos adquirindo valores e aprendendo em cada proposição capitaneada pelo NEPEA-Núcleo de Estudo e Pesquisa em Agroecologia.



Considerações Finais

Para concluirmos este relato de experiência, citamos que também temos outras atividades em escolas, com hortas comunitárias e projetos a serem iniciados com piscicultura e um minhocário agregados juntos com patos e horta periférica. Todas estas propostas se focam na produção/obtenção de alimentos sustentáveis e seguros, para as famílias dos agricultores e escolares envolvidos e para a sociedade.

Referências

COSTA, K. V.; AQUINO, S. L. **Extensão rural: aproximações entre agroecologia e ecologia política**. Disponível em: <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/agroecologia/article/viewfile/6815/5047>. Consultado em 16 jun. 2014.

SOUZA PORTO, Marcelo Firpo; SCHÜTZ, Gabriel Eduardo. **Gestão ambiental e democracia: análise crítica, cenários e desafios**. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 17, núm. 6, junho, 2012, pp. 1447-1456 Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63023390010> Consultado em 16 de jun. 2014.

GLIESSMAN, Stephen R.. **Processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.